

Perspectiva da cura e inversão de perspectiva.

(CCAF/ Constituintes dos Cartéis de Análise Freudiana /Jean-Michel Darchy, Marie Diebler, Martine Aïmedieu)

A psicanálise é minada pela neurociência, mas a prática da cura e a sua transmissão baseada no de transmissão, com base no mecanismo do passe que privilegia o testemunho indirecto traz em jogo outra relação com o conhecimento: Um Não Conhecimento como uma inversão de perspectiva.

1- Este termo de "não conhecimento" é emprestado a Georges Bataille e posto à prova no nosso campo por Jacques Nassif, membro do CCAF e autor de dois livros recentes publicados pelas Editions des Crépuscules, Pour Bataille, 2019 et Le retour de Penthésilée, à La recherche du féminin perdu, 2022. questiona o regresso de Jacques Lacan a Freud por causa de a singular amizade que ligava Bataille e Lacan num contexto de trocas intelectuais regulares intercâmbios envolvendo o conhecimento do trabalho e dos textos uns dos outros. O que é importante é situar Bataille como um analista que, com o seu livro 'L'expérience Intérieure, 1943', tentou ir "até ao fim do possível" do ditado de um analista. Numa linha ficcional paradigmática das condições de transmissão e devido à leitura muito fina dos textos de Bataille, e em particular de 'L'expérience intérieure', it posiciona Bataille como 'passer' de Lacan em relação a Freud. Este trabalho tem o efeito de : (cf Jacques Nassif Non -Savoir, artigo publicado no 'Cahiers Georges Bataille'): "legitimar a pertinência do discurso da psicanálise, a fim de demonstrar que já não pode ser obra apenas do "nome de Um" e do psicanalista sozinho, enquanto que este último não é nada sem os seus analistas". Isto é nada mais nada menos que uma saída do confinamento dogmático ao qual uma concepção da psicanálise como 'ensinamento' e da cura e do passe como o que verificaria a sua relevância após o facto ser confinado. O silêncio do analista como consequência da colocação em jogo da regra fundamental pode ser afirmado como Não-Conhecimento relativamente à teoria recebida da psicanálise.

É a consequência do facto de que as coisas, no dispositivo analítico, já não têm (cito): "qualquer nome recebido, e são relegadas para um exterior não verificável pelo analista, Isto 'reduz estas coisas a serem apenas as palavras que saem da boca do analisando' que bordejam: 'o analisando é aquele que é aquele que é o analisando', Isto 'reduz estas coisas a serem apenas as palavras que saem da boca do analisando', levando a um 'não conhecimento' de coisas ou a um conhecimento de palavras sem coisas':

2- No CCAF temos dispositivos: os cartéis de prática e o passe. Assumimos o passe modificando o seu funcionamento. Não há nomeação institucional, mesmo que haja uma resposta. Sem título, sem lista. É um ciclo de chicanes para assegurar desapropriações sucessivas.- É o portador de uma importante aposta ética que mantém uma relação isomórfica necessária e suficiente entre a cura, a transmissão e o objecto da psicanálise.

4- Num cartel em 2017 e 2018, alguns de nós retomámos cada um destes pontos para os repensar e re-problematizar. membro do júri e coordenador do passe, ou mesmo analista de fora do CCAF). O que aprendemos com isto:

4.1 O passe cria um elo social sin precedentes. O passe liga cerca de dez pessoas: O passe assim re-visitado permite assegurar um acordo totalmente livre das convenções que poderiam ser impostas pela utilização de critérios a priori para verificar uma doxa. Entre uma política escolar e esta abordagem, a passagem para a função de analista é emancipada de qualquer procedimento de acreditação profissional.

O foco é assim menos nos dogmas da "cura padrão" do que no acto de análise, na medida em que terá permitido ou não o aparecimento do objecto da psicanálise, para nomear a análise na medida em que o psicanalista não a terá impedido. Isto é, em qualquer caso, o que tende a ser esperado deste funcionamento que privilegia a nomeação do acto analítico, libertando-o da noção de autor.

4..2 Neste cartel, lemos diferentes relatos de curas que foram sempre mais ou menos decepcionantes, no sentido em que nos apercebemos de que muitas vezes asseguravam uma função de desvio em relação ao que o passe conduz. Por outro lado, a leitura do livro

de Philippe Réfabert Comme si de rien, Témoignage et psychanalyse, 2018, Éditions Campagne Première relançou o nosso trabalho, embora ele nunca faça alusão ao passe, sobre as consequências da ausência de uma testemunha. A sua posição propondo-se considerar a cura analítica do ângulo da testemunha chegou até ele ao visitar a noção de "assassinato de alma" que o Presidente Schreber nas suas Memórias tinha emprestado da literatura germânica. so a citá-lo (cf. P167):: »Pareceu-me que este ângulo de visão merecia ser alargado a toda a gama da psicopatologia e que era frutuoso ver na cura esta experiência em que um analista cria condições tais que a testemunha no analista e vê a sua capacidade de testemunhar por si e pela outra restaurada se não for restaurada".

4.2.1 Ele revisita a noção de trauma de Freud da viragem freudiana dos anos 20 sobre a reacção terapêutica negativa e a introdução com Para além

4.2.2 Ele propõe colocar a noção de 'testemunha' no ponto de 'perspectiva' da teoria analítica, onde o analista no quadro clínico põe em função o analista como testemunha que pode permitir (cito P 168): "dizer por outras palavras o que já tinha sido dito, e ao mesmo tempo permitiria a dissipação de certos problemas falsos".

4.2.3 Existe uma convergência evidente entre as teses de Philippe Réfabert sobre o trauma, visto como a ausência de uma testemunha, levando a um sequestro da vítima num discurso de queixa, e aquela que encontra uma saída, como um arquivo ausente da cura, através da implementação do passe como um discurso externalizado.

m multa

O dispositivo do passe valida paradoxalmente o que Lacan fixou no 4 conceitos fundamentais da psicanálise: o desejo do analista no ponto de retorno (do (da unidade)-e em sincronia de inversão fazendo do 'conhecimento' em análise 'um Outro lugar de conhecimento'. "um Outro lugar de conhecimento". Nos CCAFs, que não são 'escola', já não se trata da ligação a Lacan.

A partir da sua fundação (1983) ao decidirem prosseguir a experiência do passe, deram um passo para o lado dando assim a si próprios o direito de passar à terceira vez para a psicanálise Neste sentido, o CCAF poderia ser considerado na sua intenção como um efeito de passe. O relançamento da psicanálise na sua terceira etapa articula-se em torno da questão do O relançamento da psicanálise na sua terceira fase articula-se em torno da questão do não-conhecimento vectorizado pelos mecanismos de cartelização e de passagem Reafirmam assim a autoridade, por si só, da experiência, a sua soberania contra qualquer tentativa de mestria que a reduziria ao exercício do poder.